



Alkantara Festival - harS

Revista de Imprensa
20-06-2008

1 - Público, 12-06-2008, Cores e formas dos objectos coreográficos	3
2 - Semanário, 06-06-2008, A voz das artes performativas	4
3 - Diário de Notícias, 05-06-2008, Vai acontecer...	5
4 - TVI, 05-06-2008, Agenda Cultural	6
5 - Jornal de Letras, Artes e Ideias, 04-06-2008, 'Al Kantara' quer dizer ponte	7
6 - Expresso.pt, 02-06-2008, Hars	9
7 - Expresso, 17-05-2008, Notícias do mundo	10



Cultura

● Mau ★☆☆☆☆ Mediocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Crítica de Dança

Cores e formas dos objectos coreográficos

Pushed

★★★★☆

Padmini Chettur
Auditério do Museu do Oriente, 7 de Junho, sala cheia
Alkantara Festival

harS

★★★★☆

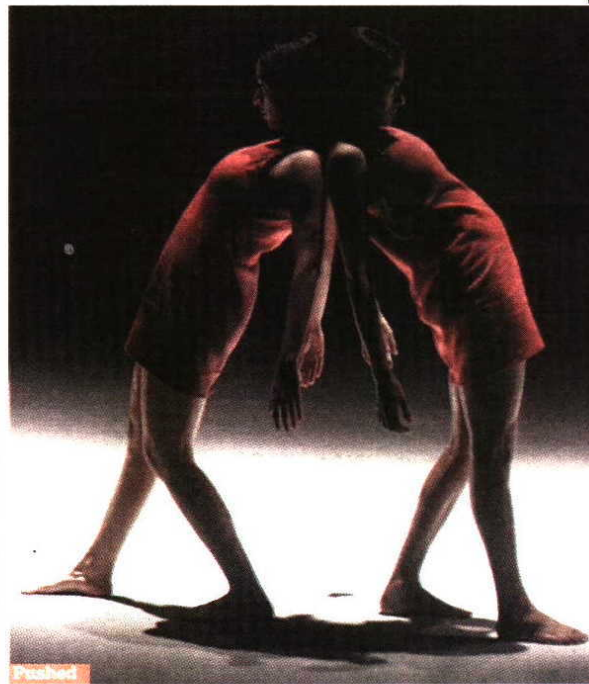
Aydin Teker
Sala de Ensaio, Centro Cultural de Belém, 7 de Junho, sala cheia
Alkantara Festival

Partindo da acção de empurrar (ou ser empurrada), a coreógrafa indiana Padmini Chettur criou uma partitura coreográfica muito nítida, onde a quantidade e qualidade dos movimentos assim como a participação dos cinco corpos e as formas e percursos desenhados no espaço cénico, têm uma proporção geométrica e harmoniosa. As sequências desenvolvem-se devagar e por acumulação a partir de corpos individuais até se construírem imagens fortes e dinâmicas que envolvem todo o grupo.

O trabalho é separado em três secções, através das roupas desadornadas que vão do

vermelho, passam pelo azul e terminam no amarelo. A sonoridade instala um ambiente tranquilo, de uma casa de campo, que a meio da peça é mais intenso e agitado, mas que para o fim retoma a amenidade. A determinada altura as frases de movimentos e gestos simples ganham uma carga emotiva, aludindo discretamente a uma situação de violência infligida, como um protesto silencioso. *Pushed* caracteriza-se porém pelo encadeado de acções que povoam o palco de imagens estéticas, explorando consistentemente o princípio enunciado de várias maneiras e em níveis diferentes (de pé, deitado, sentado) e que é feito com uma interpretação exacta e sóbria. É uma peça quase hipnotizante, mas que perde por ser demasiado extensa.

Também de natureza plástica e formal, *harS* é um dueto entre um corpo humano e o corpo de uma harpa, que oferece dois tipos de experiência: as esculturas dinâmicas que resultam da união dos dois corpos um sobre o outro, lado a lado ou noutras posições de entrosamento e interdependência; e uma tensão permanente causada



pelo equilíbrio de forças nesse relacionamento, que se instala nos actos de manipulação da harpa pela mulher, erguendo-a e transportando-a, ou de acções da mulher sobre o corpo da harpa, deslizando, sentando-se, ou subindo pelo instrumento. Esta fusão é interessante e original e

provoca imagens e acontecimentos inusitados e de grande beleza.

À dimensão visual e à animação, junta-se uma presença sonora menos apelativa, que resulta do contacto e intervenção do corpo humano sobre o instrumental e que é explorada na direcção oposta dos seus atributos conhecidos da

harpa, fazendo-a soar através de percussões bruscas e rasgos, sem melodia. O domínio da intérprete generosa que é Ayse Orhon sobre o objecto é admirável e a iluminação invulgar contribui muito para o êxito da proposta. Mas a mesma ganharia provavelmente em acontecer num espaço expositivo e não performativo, onde a acção decorresse com mais tempo e compenetração, pois a caixa preta, a velocidade e a variedade de ideias, dão a esta nova criação da coreógrafa turca Aydin Teker uma tónica de ilustração sobre tudo o que se pode fazer com a harpa, que parece fugir à intenção prévia.

Estas duas peças integraram a cauda do Alkantara Festival que movimentou Lisboa nas últimas duas semanas. Neste programa intensivo encontramos uma pluralidade de influências culturais decorrentes de posições geográficas distintas, de perspectivas diferentes sobre a mesma sociedade e de processos criativos opostos, dentro do território comum das artes performativas contemporâneas. Seria redutora uma análise sumária destas experiências e dos efeitos da sua combinação. Contudo é essencial referir o mérito do Alkantara em reunir, ao mesmo tempo e num mesmo espaço, um conjunto muito rico e actual de abordagens que reforçam a pertinência de atribuir à arte um papel relevante na produção e transmissão de conhecimento.

Paula Varanda



MUNDOS EM PALCO

A voz das artes performativas

VISÃO SOBRE O FESTIVAL ALKANTARA

O Alcantara Festival é um festival de artes performativas que tem ocupado a cidade de Lisboa desde o passado dia 22 de Maio. O encerramento do festival dá-se este fim de semana, ainda com muitos espectáculos para ver. Este é um evento que faz a ponte entre Lisboa e o mundo, naquilo que se pode entender por uma programação inovadora entre o teatro, a dança e outras artes performativas. Uma iniciativa com co-produção entre o Centro Cultural de Belém, o São Luiz Teatro Municipal, a Culturgest, a Fundação Oriente Museu, o Teatro Maria Matos, a Fundação EDP e o Teatro Nacional D. Maria II.

ANA MARIA DUARTE
a.duarte@semanario.pt

As sociedades actuais demonstram alguma sofisticação no que corresponde à dança e às artes performativas. O programador do festival Mark Deputter explica a programação deste ano, pegando no discurso de Fukuyama. "No início do século XIX, Hegel argumentou que a história humana se desenvolvia em sentido crescente, criando sociedades cada vez mais sofisticadas, equilibradas e justas. Há 15 anos atrás, o politólogo americano Francis Fukuyama concluiu que a humanidade tinha finalmente chegado ao fim desta história e alcançado a organização ideal: um sistema bicéfalo de democracia liberal e capitalismo global. Duas décadas depois, esta esperança algo ingénua tornou-se um fracasso óbvio. (...) Hoje em dia, o raciocínio é tão impregnado que até parece uma lei da natureza. Não é de estranhar, dizem os pensadores da biopolítica: a sofisticação da nossa sociedade de consumo é tal, que os indivíduos interiorizaram a sua própria opressão. (...)".

Um dos grandes objectivos da sociedade actual é formatar o indivíduo enquanto consumidor e produtor. O próprio indivíduo procura acima de tudo aumentar a sua capacidade individual de consumir. Esta é a visão de Mark Deputter, e pela sua veracidade visível, subscrevo-a. E é aqui que surge o Alcantara, representação de várias vozes dissonantes. A arte já não pode salvar o mundo, pois tornou-se também ela um produto de consumo. Contudo há quem continue a usá-la como meio de resistência e de liberdade de pensamento.

O Alcantara apresentou este ano, mais do que os outros, uma programação com uma voz de consciência do indivíduo, que nos questionou durante bastantes espectáculos. Entre eles, Lemi Ponifasio, com "Tempest II", de uma violência estética e mental bastante agudizada; Stefan Kaegi & Lola Arias, que com "Chácara Paraíso" recriaram o ambiente e o maior centro e formação de soldados da Polícia Militar da América Latina; Faustin Linyekula, que em "Dinozord" visitou a história recente da cidade de Kisangani, terceira cidade da República Democrática do Congo; e Filipa Francisco apresentou um espectáculo que foi

desenvolvido desde 2007, num projecto artístico no bairro da Cova da Moura. Estes artistas têm em comum colocar determinadas temáticas em palco, questionando-se e ao público, mas também o colocar a comunidade no centro da sua prática artística. A companhia Nacera Belaza apresentou um espectáculo que acima de tudo nos fazia escutar, a prática do vazio, a escuta do silêncio interior. William Yang também procurou a espiritualidade, através da meditação.

"Tiago Rodrigues & Rabih Mroué e o grupo Berlin vão à procura da realidade através das aparências, em lugares tão diferentes como Beirute e Bonanza, enquanto Nine Finger de Benjamin Verdonck, Fumiyo Ikeda e Alain Platel procura o encontro com algo que preferimos não confrontar: a natureza da violência. Akram Khan e Miguel Pereira procuram multiplicar ângulos de visão em diálogo com artistas de outras culturas, enquanto Clara Andermatt, Tiago Guedes e Nature Theater of Oklahoma se inspiram na cultura popular para experimentar visões alternativas dos mundos em que vivemos. Teatro Praga discute o conservadorismo, Michel Schweizer a biopolítica e Patrícia Portela pergunta: "O mundo seria um lugar melhor se cada um tivesse uma segunda oportunidade?" No mundo hipotético do palco, o debate político e social alcança novas ressonâncias." - explica Mark Deputter. Os espectáculos apresentados correm várias frentes, sempre com um objectivo, o de abanar um pouco a consciência da sociedade de consumo e daquilo que ela nos proporciona.

Outros espectáculos foram apresentados, correndo as fronteiras entre a dança e a música, como Thomas Hauert e a dupla Jonathan Burrows & Matteo Fragon; e ensaiaram-se os encontros entre o corpo e a matéria, em Cláudia Dias, Aydin Teker, Padmini Chettur ou Zoitsa Noriega & Magdalena Sloncova.

Ainda este fim de semana poderá ver: "No Dice" do Nature Theater of Oklahoma, hoje e amanhã às 20h no Teatro da Politécnica. Na Culturgest, "Coisas Maravilhosas" de Tiago Guedes (hoje às 21h). "HarS" de Aydin Teker, um dueto entre uma bailarina e uma harpa, poderá ser visto no CCB hoje e amanhã às 19h. Também neste espaço, "Doo" de Miguel Pereira, nos mesmos dias, às 21h. O Maria Matos apresenta "Bleib" de Miguel Schweizer, esta noite (21h) e amanhã e domingo, no Museu do Oriente, sobe a palco "Pushed" de Padmini Chettur, a extrema precisão da dança indiana. O último dia do festival está reservado para "Lion Noir", no São Luiz.

"Criam-se espaços de experimentação, mundos imaginários para os quais normalmente resta pouco espaço na vida acelerada das nossas cidades." E esse era o objectivo, até parece que Lisboa se está a tornar uma cidade com maior espaço de arte política, com os festivais e programação que se vão apresentando por aqui. Dê-se voz aos artistas e aos programadores. |



vai
acontecer...

hoje

Rodrigo Leão actua no Mosteiro dos Jerónimos a partir das 22.00. O concerto faz parte do ciclo EDP 7 Maravilhas. Bilhetes entre 25 e 30 euros.

"Coisas Maravilhosas", de Tiago Guedes, é exibido na Culturgest, hoje e amanhã, no âmbito do Alkantara Festival, pelas 21.00. Bilhetes a dez euros.

O Festival Jazz ao Centro recebe o Michaël Attias Quintet. O concerto tem início às 23.55. Espectáculo no Salão Brasil, em Coimbra. Bilhetes entre sete e 30 euros.

amanhã

Primeira noite da Festa do Fado com um encontro no Castelo de São Jorge entre Camané e José Mário Branco. Concerto às 22.00. A entrada custa 12,5 euros.

harS, de Aydin Teker, na Sala de Ensaio do CCB, às 19.00. Bilhetes a dez euros.

Os Micro Audio Waves mostram 'Odd Size Baggage' no Teatro Aveirense, em Aveiro, a partir das 21.30. A entrada varia entre os dez e os 12 euros.

TVI - Cartaz das Artes , 05-06-2008

Agenda Cultural

Hora:2:15:00

Duração:00:00:57

Agenda Cultural:

- Teatro: "Rosmaninho e Alecrim" Teatro A Barraca; "Obviamente demito-o" Teatro A Barraca.
- Música: Camané & José Mário Branco no Castelo São Jorge; Orishas, Clã & Convidados no Rock in Rio; Teresa Tapadas & Paula Oliveira no Castelo de São Jorge
- Eventos: Rock in Rio Lisboa; FITEI; Feira do Livro do Porto; Festa do Cinema Italiano; Feira do Livro de Lisboa.
- Cinema: "Sexo e a cidade".
- Livros: "As regras da sedução" da ASA; "Era no tempo do Rei" da ASA; "Já não se escrevem cartas de amor" da Esfera dos livros; "O ET Serafim e os Jogos em Pequim" da Gailivro; "O ladrão de túmulos" da Esfera dos Livros.
- Exposições: Manuel Botelho no Museu da Electricidade; Dinossáurios no Freeport de Alcochete; Fotografias de Bernardo Sasseti e de Carlos Romero na FNAC do Norteshopping; Obras-primas da Arte Islâmica da Colecção do Museu Aga Khan, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Espectáculos: "Hars" no CCB; "Doo" no CCB; "Só" Teatro da Trindade; Alkantara festival no Museu do Oriente; "As velhas" Teatro da Trindade; Grynchenko Brothers/Hand to Hand, Casino de Lisboa.



‘Al Kantara’ quer dizer ponte

Dança

GISELA PISSARRA

O Alkantara Festival já está em velocidade de cruzeiro, quase a acabar a travessia das pontes para «outros mundos» que prometeu ao público. No entanto, os últimos quatro dias daquele que se tornou o maior festival de artes performativas do país, podem ainda trazer-lhe grandes surpresas, se roubar um pouco de tempo ao seu tempo.

Para quem não está ainda familiarizado com o evento, a designação Alkantara nasceu em 2005, na sequência do Festival/Associação Danças na Cidade, em movimento veloz, em Lisboa, desde 1993. Hoje, rasgou a fronteira da dança para se tornar num projecto artístico multidisciplinar e contínuo – a sua face mais visível é o festival internacional bianual, este ano até 8 de Junho (www.alkantarafestival.pt).

Para além do festival, o seu maior desígnio, o Alkantara desenvolve propostas de criação de âmbito alargado e diverso: desde a intervenção nas comunidades locais até às parcerias internacionais. Este ano ganhou casa própria: uma antiga fábrica, em Santos (Cç. Marquês de Abrantes, 99), local que, durante o evento,

é a central de operações ou «Ponto de Encontro». Para além das bilheteiras centrais, há, das 12 às 2h, café, jornais, computadores com internet gratuita e espaço para conversas, concertos, performances, documentários e festas a acontecer diariamente, num programa paralelo em que participam muitos dos convidados desta edição.

A não perder

Destaque para *Pushed*, o espectáculo que a coreógrafa indiana Padmini Chettur apresenta no Museu do Oriente, a 7, às 17h, e a 8, às 21h. Trata-se de uma produtiva fusão entre a dança contemporânea e as origens coreográficas e culturais da autora. *Pushed* é um espectáculo de grande precisão, onde as intérpretes transitam subtilmente entre estados de grande tensão e momentos de fluidez. A peça foi criada em 2006, na Coreia do Sul, e conta com uma banda sonora interpretada por músicos coreanos, em instrumentos tradicionais.

Formada em dança tradicional indiana *bhârata natyyam*, Padmini Chettur integrou a conhecida companhia de dança Chandralekha. Hoje, tem a sua própria formação e quer quebrar barreiras no campo da tradição do corpo da mulher (perfeição, beleza e sedução) e nos assuntos ligados ao feminino, tal como nos estereótipos culturais e coreográficos.

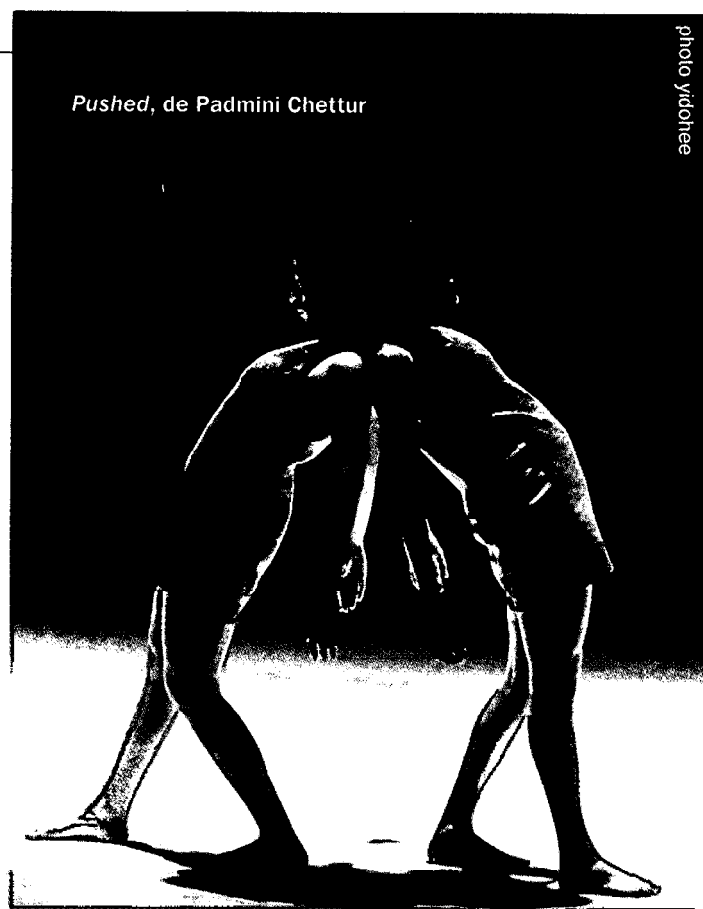
A 5 e 6, sobe ao palco da Culturgest a nova peça de Tiago Guedes, *Coisas Maravilhosas*. O espectáculo, estreado em França, em Fevereiro passado, tem sido visto pela crítica como algo de diferente no registo mais habitual



do artista. Tiago Guedes passa de um certo «minimalismo» e «formalismo» para um registo mais exuberante no gesto. *Coisas Maravilhosas* «será uma viagem a um mundo imaginário construído a partir de outros mundos bem reconhecíveis». «Como se consegue ir ao encontro de uma outra cultura sem nunca a ter experimentado? De que forma as nossas mentes constroem ideias *a priori* que depois se revelam insustentáveis?» - são algumas das questões que serviram de base à peça, que explora «referências e imagens» e que cria um universo «que dialoga com outros que conhecemos, por evocação e não pela experiência».

Para além das propostas já destacadas, pode ainda ver *Meu Céu*, a 4 e 5 de Junho, 22h30, no Castelo de S. Jorge, a nova criação da coreógrafa Clara Andermatt. É um espectáculo de rua e um projecto multidisciplinar que visa envolver o público «numa espécie de ritual comunitário». Integra no elenco bailarinos, actores, músicos e *traceurs* (praticantes de *Parkour*), para além de um grupo de intérpretes com mais de 60 anos. *To be SE(r)QUENCES*, a 4, às 19h, no Teatro da Politécnica, revela o encontro entre uma artista colombiana e outra checa que desenvolveram uma peça em torno de elementos extra-corporais, como papel e vento. Ainda *Speaking Dance*, a 4, às 23h, no Museu da Electricidade, uma peça do britânico Jonathan Burrows e do italiano Matteo Fargion que investiga a complexa relação entre música e movimento. De 5 a 7, às 19h, na sala de ensaio do CCB, apresenta-se *harS*, um espectáculo da coreógrafa turca Aydin Teker, que criou um dueto intimista entre uma bailarina e uma harpa. Também no CCB (Pequeno Auditório), de 5 a 7, às 21h, o português Miguel Pereira reencontra-se com a Lourenço Marques da sua infância, em *Doo*. Um trabalho que surgiu do cruzamento do coreógrafo com outros mundos, primeiro no Cairo e depois no Quênia. A viagem fê-lo olhar para um universo longínquo que foi o seu, numa Moçambique próxima da independência, onde as crianças dançavam e cantavam para a metrópole.

A 7, às 13h, na sede do Alkantara, acontece, em jeito de reflexão, *Encontro*, uma ideia de criar um espaço livre de reunião e pesquisa com artistas e teóricos vindos de todo o mundo. Acompanhados por Nayse Lopes (idança – Brasil) e Gwenola David (Mouvement – França), vão confrontar pontos de vista, numa sessão aberta ao público. A fechar a edição de 2008, ainda *Move Out Loud*, a 8, às 24, no Ponto de Encontro, com entrada gratuita. É uma ideia dos artistas Filipe Viegas e Brahim Sourny em que, através da internet, se constrói uma



espécie de «cadáver esquisito» de movimento. Os artistas importam para uma plataforma virtual um vídeo de um solo de dança até três minutos de duração – solo que pega com o escolhido imediatamente antes. A ideia é gerar uma coreografia mundial sem fronteiras, iniciada pelos artistas do festival. Dia 8, é apresentado o resultado em vídeo, que mais tarde será colocado *online*, para «seguir viagem». A festa de encerramento, será na véspera, 7, às 24h, no Teatro S. Luiz, com entrada gratuita e o performer João Galante a fazer as honras da casa como DJ. ●

Expresso.pt , 02-06-2008

Hars

de Aydin Teker

FICHA TÉCNICA

Título

Hars

Coreografia

Aydin Teker

Centro Cultural de Belém

Pç. do Império

Tel.: 213 612 400

19h00



festival alkantara

Notícias do



BENJAMIN Verdonck e Fumiyo Ikeda em «Nine Fingers» de Platel (dias 30 e 31 de Maio, no Teatro Maria Matos, em Lisboa)



HERMAN SORGELOS

NO MAIOR FESTIVAL DE ARTES PERFORMATIVAS PORTUGUÊS, A ARTE MERGULHA NA VIDA

TEXTO DE CLAUDIA GALHÓS

LEMI PONIFASIO é um chefe de clã das ilhas Samoa que vive na Nova Zelândia. A história ancestral do seu povo faz parte da sua vivência quotidiana. É desse passado longínquo que recupera temas como a morte ou a memória. E é este mesmo passado o instrumento essencial de que dispõe para pensar o presente. E dar-lhe significado. Stefan Kaegi entrou no maior academia da Polícia Militar da América Latina, no bairro de Pirituba, de São Paulo. Acompanhou o teatro de operações onde mais de dois mil recrutas aprendem a marchar, a disparar... Lemi Ponifasio e Stefan Kaegi (um dos elementos do colectivo alemão Rimini Protokoll) são os artistas que abrem o Festival Alkantara, o maior acontecimento de artes performativas contemporâneas do nosso país, dirigido por Mark Deputter, que arranca esta semana. O primeiro com **Tempest II** (dias 22 e 23, no Teatro São Luiz) e o segundo, juntamente com Lola Arias, com **Chácara Paraíso** (ver destaque ao lado).

O mundo de que o Alkantara fala é o do quotidiano em turbilhão que assalta os dias instáveis

dem a marchar, a disparar... Lemi Ponifasio e Stefan Kaegi (um dos elementos do colectivo alemão Rimini Protokoll) são os artistas que abrem o Festival Alkantara, o maior acontecimento de artes performativas contemporâneas do nosso país, dirigido por Mark Deputter, que arranca esta semana. O primeiro com **Tempest II** (dias 22 e 23, no Teatro São Luiz) e o segundo, juntamente com Lola Arias, com **Chácara Paraíso** (ver destaque ao lado).

As discussões internas destas artes, sobre se é dança ou teatro, já pouco impor-

tam. Até porque muitos dos espectáculos substituem o crédito do «encenador» ou «coreógrafo» por «conceito» ou «criado por» ou « direcção artística», sem definir a área em que se situam. Há instalações, performances-documentários, coreografias, retratos cinematográficos, banquetes... O que é mais importante é este mundo, de que fala o Alkantara.

O mundo de que o Alkantara fala é o nosso. Do quotidiano em turbilhão que assalta os dias instáveis de qualquer pessoa. De um horizonte que se tornou mais amplo, que vai muito mais além da fronteira do país onde vivemos. Há dilemas, interrogações que partilhamos, onde quer que estejamos. É este horizonte perante o abismo do existir, sempre efémero, que se abre ao público neste festival. As referências filosóficas agora são Giorgio Agamben ou Peter Sloterdijk. As questões são as mais variadas: a sociedade policial (em **Chácara Paraíso**), a possibilidade da preservação de espécies (com o teatro como exemplo, em **Conservatório**, do colectivo Berlin); a desertificação de certas cidades e a vida nesse abandono (**Bonanza**, do colectivo Berlin); a vida possível quando a cidade se torna cemitério (em **The Dialogue Séries: iii.dinozord**, de Faustin Linyekula) ou as formas do encontro nas diferenças (de que **Yesterday's Man**, do português Tiago Rodrigues e do libanês Rabih Mroué é apenas um exemplo).

Há pistas para possíveis olhares sobre este tempo complexo que vêm da Nova Zelândia, da Argélia, da República Democrática do Congo (ex-Zaire), da Bélgica, de Lisboa. Por isto mesmo, este festival (uma actualização do anterior Danças na Cidade) tem por subtítulo «Mundos em Palco». E durante duas semanas promete não deixar parar Lisboa, com cerca de trinta espectáculos espalhados por diversos teatros e outros espaços da cidade, revisitando nomes consagrados destas artes, como Vera Mantero, Alain Platel, Akram Khan ou Jonathan Burrows, e apresentando criadores menos conhecidos do nosso público, como William Yang, Aydin Teker ou Michel Schweizer.

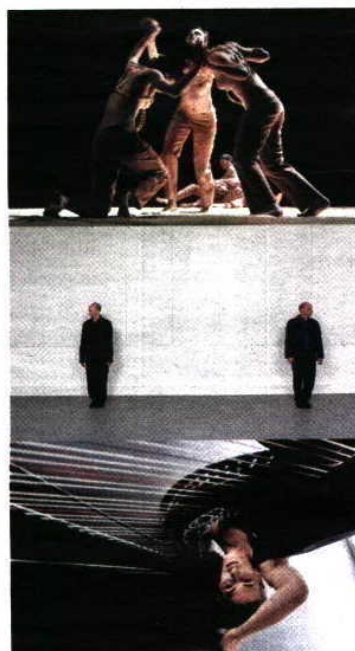


A não perder

Do extenso calendário de propostas do Festival Alkantara (que decorre de 22 de Maio a 8 de Junho, em diversos espaços de Lisboa), destacamos algumas das peças que trazem a assinatura de criadores de referência, nacionais e internacionais. Desde logo, este «Chácara Paraíso» (dias 23 a 26, no Palácio de Santa Catarina, numa programação da Culturgest). A peça marca o regresso do colectivo alemão Rimini Protokoll, de que fazem parte Stefan Kaegi e Lola Árias, que em Abril do ano passado apresentou «Mnemopark» na Culturgest. Conhecido como autor do teatro-documentário, o grupo surge agora com um impressionante e muito pertinente trabalho sobre a universidade da vida da academia de polícia, sendo os polícias os intérpretes deste «Chácara Paraíso», já definido como teatro-antropológico. «Como podemos relacionar-nos com a extrema crueldade e a falta de senso da guerra?» Esta é uma das questões que se coloca em «Nine Finger» (dias 30 e 31, no Teatro Maria Matos). A peça é uma criação do coreógrafo belga Alain Platel, dos Les Ballets C. de la B., juntamente com os intérpretes Benjamin Verdonck e Fumiyo Ikeda, bailarina da companhia Rosas, de Anne Teresa de

Keersmaecker. A obra oferece o testemunho de um menino-soldado, numa perturbante experiência de vida alí em África, é inspirada no livro «Feras de Nenhum Lugar», do autor de origem nigeriana Uzodinma Iweala.

Outros espectáculos a não perder são: Akram Khan (o coreógrafo inglês de origem bengali) com o Ballet Nacional da China e a peça «Bahok» (dias 30 e 31, no CCB); o «Banquete» da portuguesa Patrícia Portela (que acontece no Palácio da Ajuda, de 31 de Maio a 3 de Junho); a oportunidade rara de rever entre nós a última peça de grupo de Vera Mantero, «até que deus é destruído pelo extremo exercício da beleza» (1 e 2 de Junho, no Teatro Meridional), e as novas criações dos portugueses Tiago Guedes, com «Coisas Maravilhosas» (5 e 6 de Junho, na Culturgest), Miguel Pereira, com «Doo» (5 a 7 de Junho, no CCB), e Projecto Teatral, com «Lion Noir» (7 e 8 de Junho, no São Luiz). C.G.



«COISAS MARAVILHOSAS» (em cima), «Speaking Dance» (ao centro) e «harS» (em baixo): três pontos altos da programação do Alkantara